

Fatores que afetam o trabalho dos professores de música na educação básica

Jaqueline Cavalcanti Borges de Mello

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul

Jaqueline.mello@ifms.edu.br

Comunicação

RESUMO: Este artigo está vinculado à dissertação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco. Apresentaremos aqui apenas um dado da pesquisa: “os fatores que afetam o trabalho do professor de música na educação básica”. Pouco se tem tratado dos diversos fatores que envolvem o trabalho do educador musical e, menos ainda, sobre a percepção desse professor em relação ao seu trabalho, um aspecto importante que, marcado por insatisfação, acaba contribuindo, com certa frequência, para a saída desse profissional da escola, em busca de outros espaços em que possa atuar na educação musical e, por vezes, para o abandono da profissão - em casos extremos, para o adoecimento do professor. Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, objetivou analisar o trabalho e o bem-estar de professores, egressos do Curso Música – Educação Musical (licenciatura) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que atuam nas escolas de educação básica em Campo Grande. Por meio de entrevista semiestruturada procurou-se identificar as condições de trabalho desses professores e os fatores que afetam esse trabalho. Os resultados revelaram que dentre os fatores que mais afetam o trabalho destes professores são as instalações e condições gerais de infraestrutura, a falta de equipamentos, instrumentos e materiais pedagógicos, a indisciplina dos alunos e a prática da polivalência. Apesar de muitos desafios e espaços ainda a conquistar, esses professores se declararam felizes no trabalho.

PALAVRAS CHAVE: Trabalho e bem-estar docente. Música na educação básica. Formação de professores.

Introdução

O artigo aqui apresentado encontra-se relacionado à dissertação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco intitulado “*O trabalho e o bem-estar do professor de música nas escolas de educação básica em Campo Grande*”. A pesquisa teve como objetivo geral: analisar o trabalho e o bem-estar de professores, egressos do Curso Música – Educação Musical (licenciatura) da Universidade Federal de MS que atuam nas escolas de educação básica em Campo Grande.

Dos 169 egressos formados no Curso de Música da UFMS, no período de 2006 a 2015, 34 responderam ao questionário; destes, foram identificados 13 professores que atuam na escola básica, sendo 11 na cidade de Campo Grande. Dos 11 sujeitos que foram contatados, sete concordaram em conceder entrevista.

Por meio de um questionário aplicado no início da pesquisa localizamos os professores de música que se formaram na UFMS. Vimos que nem todos estão na escola de educação básica, que nenhum deles tinha interesse nesse campo de atuação, ao ingressarem no Curso de Música (licenciatura), e que a maioria optou pela escola especializada de música, projetos sociais, bandas, corais ou orquestras. Essa informação nos mostrou o quanto “fazer música” ou lidar apenas com essa linguagem específica é o que os professores de música buscam e com que se identificam, apesar de cursarem uma licenciatura.

Norteando-nos pelas perguntas iniciais, ao aplicar o questionário a 34 egressos do Curso de Música – Educação Musical (licenciatura) da UFMS (de um total de 169), participantes desta pesquisa, identificamos onde está atuando parte deles e pudemos conhecer o perfil profissional desses professores. Por meio das entrevistas semiestruturadas e da aplicação da Escala de Bem-Estar Docente (EBED) verificamos “como estão” esses professores, quais os fatores que concorrem para a satisfação em relação ao trabalho que realizam e em que condições eles o realizam na escola de educação básica.

Em virtude, talvez, do espaço pouco privilegiado que a educação musical ocupa nas escolas de educação básica, a maioria dos professores que hoje lá está não fez essa opção, ao entrar na universidade; alguns, nem ao saírem do curso de formação tinham esse interesse. Mas a oportunidade de trabalho no serviço público, com garantia de melhores salários, férias, 13º e demais direitos, atraiu esses professores para a escola.

Com base nas resposta ao questionário aplicado, podemos afirmar que existem professores de música desenvolvendo atividades em escolas particulares, em sua maioria extraclasse, contratados como autônomos ou com registro em carteira. Esses professores não possuem as mesmas garantias e estabilidade no emprego, contudo, e em contrapartida, trabalham em melhores condições de infraestrutura e materiais do que aqueles que estão na escola pública.

Assim, por meio das respostas e das ‘vozes’ dos professores, expressas no questionário, na entrevista e na Escala de Bem-estar Docente (EBED), foi possível identificar as condições de trabalho, os fatores de satisfação e os desafios que esses professores de música enfrentam nas escolas de educação básica de Campo Grande, bem como a infraestrutura oferecida pelas referidas escolas para as aulas de música.

Perspectivas teóricas sobre o trabalho dos professores na educação básica

Nas últimas décadas foram notórias as transformações sociais, políticas, econômicas e os impactos na educação, consequentemente, no trabalho dos professores, trazendo maiores desafios, dificuldades e necessidade de ajustamento cada vez mais rápido às novas demandas.

Uma pesquisa feita por Gasparini, Barreto e Assunção (2005) apresentou um perfil dos casos de afastamento do trabalho por motivos de saúde de uma população de profissionais da educação; como principal razão desses afastamentos foram apontados os transtornos psíquicos. Face à transferência de responsabilidades que o sistema de ensino impõe aos professores, que se veem sempre obrigados, por meio de investimentos pessoais, a cobrir lacunas e a resolver problemas, assistimos ao crescente mal-estar desses trabalhadores, levadas em conta, ainda, as funções que os professores são obrigados a assumir dentro da escola, para as quais não foram preparados e nem mesmo contratados.

Mas, quais são os sintomas e fatores geradores desse mal-estar docente? É importante, para a compreensão deste tema, definirmos primeiramente o que é o mal-estar.

Esteve (1992, p. 163) define o mal-estar docente como efeitos negativos das condições da profissão docente sobre a personalidade do professor, e, ainda, como “uma enfermidade social produzida pela falta de apoio da sociedade aos professores, tanto no terreno dos objetivos do ensino, como no das retribuições materiais e no reconhecimento do estatuto social que lhes atribui”.

O mal-estar docente gera sentimentos de sofrimento, angústia, aflição, ansiedade, desvalorização, falta de apoio, os quais interferem no aspecto subjetivo do profissional, causando até mesmo doenças psíquicas e físicas. O autor descreve que, como consequência do

enfrentamento dessas situações cotidianas, os professores desenvolvem apatia, desânimo, depressão, isolamento, baixa autoestima, esgotamentos físico e mental, e vontade de abandonar a profissão.

A partir de um estudo realizado com professoras da primeira fase do ensino fundamental do Município de João Pessoa-PB, Silva e Neves (2006) trataram das vivências de sofrimento psíquico e prazer daquelas docentes, constatando presença significativa de mal-estar evidenciado pelo sofrimento, sufocamento, estresse, esgotamento, ansiedade, depressão e fadiga no trabalho.

As pesquisadoras fizeram o levantamento de determinados fatores que, na maioria dos casos, potencializa o sofrimento, como: as relações hierárquicas, a longa e exaustiva jornada de trabalho, a dificuldade de operar o controle da turma, o crescente rebaixamento salarial e a progressiva desqualificação e não reconhecimento social do trabalho. Em contrapartida, a maior fonte de prazer apontada pelas professoras pesquisadas foi a relação com seus alunos.

Rebolo (2012), em seu artigo sobre as estratégias que os professores utilizam para enfrentar as adversidades, aponta diferentes formas de enfrentamento, entre elas o afastamento psicológico do trabalho, em que o professor “executa suas atividades dentro de um limite que representa o mínimo necessário” e acaba desenvolvendo um comportamento indiferente “a tudo que ocorre no ambiente escolar” (p.125).

Nesse estudo, Rebolo (2012) constata que as estratégias mais utilizadas pelos professores que se declararam “infelizes no trabalho”, foram: “os afastamentos físicos e psicológicos” onde “as ações não são dirigidas à solução dos problemas, mas sim a distanciar-se ou isolar-se deles” (p.129). E os professores que se declararam “felizes no trabalho” mobilizaram “modificação interna ou externa e denotam envolvimento e comprometimento com o trabalho” (p. 129).

Fatores que afetam o trabalho dos professores de música nas escolas de educação básica em Campo Grande

Destacamos, neste subitem, alguns fatores que afetam o trabalho dos professores de música nas escolas de educação básica em Campo Grande, que foram identificados por meio das entrevistas realizadas.

Encontramos, na fala dos sujeitos desta nossa pesquisa, muito mais indícios de mobilização e comprometimento do que isolamento e distanciamento do trabalho.

Vamos analisar os dados obtidos, a partir dos temas que emergiram da fala dos professores durante a entrevista. Podemos afirmar que os fatores que mais afetam o trabalho destes professores estão relacionados à: 1) indisciplina dos alunos 2) falta de recursos materiais e condições de trabalho 3) prática da polivalência.

Indisciplina dos Alunos

A professora Sustenido¹ coloca a indisciplina como um fator a ser enfrentado no dia a dia da sala de aula:

Aprender a ser professor só sendo (risos), aprendemos a lidar no dia a dia. O maior medo dos músicos instrumentistas é encarar a indisciplina dos alunos, todo professor teme uma sala com 35 alunos pra dar conta. Acho que o sistema de ensino é injusto com o professor. (Professora Sustenido)

Essa entrevistada também levanta uma questão importante, que afeta principalmente os professores de música, que é assumir uma sala de aula com média de 35 alunos. O instrumentista que busca a formação num curso de licenciatura normalmente está acostumado a lidar com poucos alunos. Dependendo do instrumento ele leciona para um aluno apenas.

A professora Colcheia coloca a questão da indisciplina, mas ressalta que é algo superável para ela:

Então, eu diria que um pouquinho seria a parte comportamental das crianças, mas isso é uma coisa que com o tempo as próprias crianças vão te conhecendo e vão com certeza respeitando seu trabalho, respeitando as atividades até porque eles gostam muito da aula de música (Professora Colcheia).

1 Os nomes dos professores participantes foram substituídos por pseudônimos para garantia do anonimato.

A professora Mi, ao ser questionada sobre os fatores que afetam seu trabalho na educação básica, assim se expressou:

Controlar a disciplina é bastante desafiador pra mim [...] (Professora Mi)

Segundo Jesus (1996), a indisciplina dos alunos constitui, na atualidade, o principal fator de mal-estar docente para muitos professores, portanto, controlar a disciplina e manter o clima amistoso na sala para o desenvolvimento das atividades torna-se um grande desafio, frente às salas numerosas que o professor de música precisa encarar, situação com a qual ele, muitas vezes, não está acostumado.

Falta de Recursos Materiais e Condições de Trabalho

O professor Da Capo entrou na escola por uma necessidade financeira, uma vez que tem predileção pelas aulas de instrumentos, com as quais sempre trabalhou. Diante da dificuldade em desenvolver um trabalho voltado para a música, uma vez que não possuía material e sala adequada, optou por ensinar o conteúdo das artes visuais. Mesmo sem a formação para trabalhar essa linguagem, preferiu o desafio deste conteúdo novo à frustração de não conseguir fazer um trabalho musical por falta de apoio.

Não tem nenhuma sala a mais pra trabalhar outras coisas. Se faz barulho atrapalha a sala ao lado, tem salas que são separadas por telha Eternit, é muito difícil assim, e ainda tem o barulho dos próprios alunos. Aí comecei a trabalhar só Arte. Também pela minha incompetência de trabalhar musicalização, eu nunca quis, e nunca fui atrás para aprender. Na minha formação sempre quis ensinar o instrumento, eu sou professor de instrumento, aquela coisa de ser professor de musicalização, eu não gosto. Então procurei ficar distante disso [...] (Professor Da Capo).

O professor Da Capo deixa bem claro em sua entrevista que a principal razão de estar na escola de educação básica é a vantagem da estabilidade, que o setor público proporciona, além da aposentadoria, atendimento de saúde, férias remuneradas dentre outras vantagens não oferecidas no setor privado ou na situação de autônomo.

Num estudo realizado por Cereser (2003) com licenciandos em música, a pesquisadora constatou, a partir da fala dos sujeitos da pesquisa, que eles são preparados para “dar aula para quem gosta de música” e não para os que “não gostam de música”. E, ainda: “sentem-se preparados para uma realidade onde possam encontrar, pelo menos, o mínimo de recurso para dar aula e não para atuarem com a realidade dos contextos escolares, onde muitas vezes enfrentam dificuldades materiais e problemas sociais.” (p. 40).

A falta de investimentos e as precárias condições em que o professor precisa realizar seu trabalho foi um fator presente na fala de todos os professores que atuam nas escolas públicas. A maioria dos professores entrevistados não têm uma sala apropriada, aliás, alguns precisam até utilizar espaços nos quais já acontecem outras atividades, como biblioteca e pátio. Na maioria dos casos, não há instrumentos musicais disponíveis, fazendo com que o professor tenha que comprá-los, com seus próprios recursos, a fim de garantir uma aula mais atraente e musical.

Nas falas abaixo, é possível evidenciarmos esta situação de desesperança de muitos professores de música que atuam nessas escolas.

*A gente sai da faculdade e entra numa sala de aula e não tem nada, na faculdade é tudo fácil de organizar, tem pianos, tem violões, tem flautas, nossos colegas são músicos, tudo acontece, todo mundo canta. Chega na sala de aula, tem 30 crianças sentadas uma atrás da outra em carteiras, olhando pra você e esperando que você vire o super herói e faça alguma coisa, é assim a escola. Mas na escola de tempo integral ainda consigo fazer algumas coisas, temos violões, agora tô com projeto pra montar orquestra, e a comunidade está engajada, ela quer que aconteça, então a gente promove eventos e a escola também apoia e dá o que pode, tem as dificuldades mas acontece, os professores precisam ter esse perfil de mobilizador pra fazer acontecer **(Professor Staccato)***

Esteve (1999, p. 48) afirma que a atuação dos professores na sala de aula está limitada “pela falta de material didático necessário e pela carência de recursos para adquiri-los”. Segundo esse autor, não tendo como contar e esperar algo do poder público, os professores recorrem à associação de pais ou até mesmo “às crianças para que tragam pequenas quantias para adquirir o mais imprescindível” (p. 49).

Este fato se confirmou na fala de alguns sujeitos que disseram recorrer à associação de pais, e que a compra de alguns instrumentos e materiais depende muito mais de ações internas e da gestão de cada escola, que levanta recursos por meio de eventos realizados junto com a comunidade escolar, do que através do poder público.

Não é somente a falta de instrumentos musicais ou materiais pedagógicos que afetam o dia-a-dia dos professores de música, mas a falta de espaço, quantidade de alunos por sala, instalações inadequadas, a má conservação das salas, ventiladores que não funcionam e tantos outros problemas das escolas públicas.

No ano passado, as salas estavam com ventilador estragado, foi um sufoco, muito calor, mas como todo órgão público, nós também sofremos com a falta de assistência municipal. As salas são grandes, mas devido a super lotação de algumas o espaço acaba ficando reduzido **(Professora Sustenido)**

Na sala de aula não tem conforto, no calor de outubro eu fiz o coral no pátio. Inclusive tive que fazer bem escondidinho porque o ambiente é grande. As 3 escolas que eu estou trabalhando tinha que ir pra fora, era mais fresco **(Professora Fermata)**

Nessa perspectiva, Esteve (1999) aponta que

Quando esta situação se prolonga a médio e longo prazo, costuma-se produzir uma reação de inibição no professor, que acaba aceitando a velha rotina escolar, depois de perder a ilusão de uma mudança em sua prática docente que, além de exigir-lhe maior esforço e dedicação, implica a utilização de novos recursos dos quais ele não dispõe (ESTEVE, 1999, p. 48).

Essa é uma situação recorrente nas escolas públicas no Brasil, que reflete não somente a falta de investimentos na educação, como também a criação de políticas e Leis sem ao menos dar condições aos professores de exercerem seu trabalho.

Por meio da fala da única professora de escola privada entrevistada, verificamos uma situação que se contrasta com as anteriores:

Então, essa escola é uma escola que eu diria muito especial porque ela disponibiliza todos os recursos que eu preciso pra aula de música. Instrumentos, piano digital, espaço adequado e todas as outras coisas que eu preciso pra minhas aulas **(Professora Colcheia).**

Lidar com a realidade da escola formal, a qual exige uma formação voltada para esse contexto de ensino, bem diferente do contexto de uma escola de música, de uma banda, de um coral ou de uma orquestra, mostrou-se, ao longo da pesquisa, um desafio para estes professores, que alegaram não terem tido uma formação que os preparasse para tal atuação.

Podemos refletir também que nossos debates e reflexões devem “levar em conta as condições de trabalho na escola e as contradições dos trabalhadores que o realizam” (SORATTO e HECKLER, 1999, p. 93); caso contrário, estaremos travando uma batalha inútil.

A Prática da Polivalência

Constatamos, por meio da entrevista, que lidar com conteúdos tão diversificados como música, teatro, dança e artes visuais vem se mostrando como um fator que tem afetado a atuação dos professores de música que atuam na disciplina de Arte.

Deu uma tensão de dar uma aula que não é sua, é de Artes, e eu entrei como professor efetivo no lugar de um professor de Arte que estava contratado pra essa vaga, e aí como manter uma qualidade de aula se eles tinham a referência do professor de Arte?
(Professor Da Capo)

Tenho que ensinar coisas que a princípio não sei [...] Mas tem muitos conteúdos, principalmente do 4º ao 6º ano, que é mais elaborado na parte de arte, que é difícil, aí eu tenho que procurar alguém pra me ajudar, porque eu não sei (silêncio).
(Professora Mi)

Temos 4 licenciaturas específicas, que ocupam o espaço de uma única disciplina, precisamos cumprir conteúdos que não temos condições, [...] Eu não me considero competente para ser uma boa professora de Arte, eu me esforço muito, além de estudar para ter todo um conhecimento específico, tem que estar se virando em mil para atender uma demanda da escola
(Professora Dó)

A professora Dó, além da prática da polivalência, aponta a questão da sobrecarga de trabalho que decorre da preparação e pesquisa que precisa realizar para dar conta dos diversos conteúdos.

*No estado é pra trabalhar com os conteúdos de Arte, você pode trabalhar com música, com teatro, com dança, está aberto, só não pode trabalhar com uma linguagem apenas (**Professor Staccato**)*

*[...] tive que correr atrás, conversar com colegas, procurar nos livros. A parte de música foi mais fácil, mas a outra parte a gente não tem (**Professora Mi**)*

Embora tenhamos os conteúdos da música garantidos pela Lei 11.769/08, o que constatamos, na pesquisa, é que essa disciplina ainda é sobrepujada pelas artes plásticas, situação que se comprova em razão de os professores de música, muitas vezes, serem “orientados” a trabalhar os conteúdos da outra linguagem.

De acordo com o exposto, entendemos que as decisões em relação a que linguagem ensinar e a formação específica do professor ficam a critério dos estabelecimentos de ensino, respeitando seus contextos, suas dificuldades e especificidades. O que nos leva a concluir que essa escolha depende da disponibilidade de um professor, que pode incidir na escolha de uma determinada linguagem em detrimento de outras. E esclarece, em parte, porque as artes visuais têm tanta predominância na disciplina “Arte”, chegando ao ponto de associarem a disciplina apenas com essa linguagem. A falta de professores licenciados em música, teatro e dança colaborou para o destaque das artes visuais no currículo da educação básica.

Sendo assim, não basta contratar professores com habilitação específica em música; é necessário dar-lhes condições de desenvolverem propostas pedagógicas e metodologias adequadas para o contexto educacional da escola de educação básica.

Segundo Nacarato (2013, p.14),

Não se pode deixar de levar em consideração que nenhuma reforma ou proposta educacional terá efeito positivo, se não forem modificadas as condições de trabalho dos professores da escola básica, principalmente: plano de carreira, redução da jornada de trabalho em sala de aula e melhores salários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos nesta pesquisa, analisados a partir de importantes contribuições de todo o referencial teórico, apontaram questões relevantes, pois além de sustentarem a

investigação, indicaram elementos essenciais para a compreensão da temática do trabalho, formação do professor de música, trabalho docente e bem-estar docente, possibilitando discutir os fatores que afetam o trabalho dos professores de música na educação básica, tanto os aspectos que facilitam quanto os que dificultam a construção do bem-estar e a realização desses professores com o seu trabalho.

No levantamento inicial para a pesquisa constatamos que, nos últimos sete anos, foram abertos sete concursos públicos para contratação de professores de Arte, na capital de Campo Grande, considerando-se as esferas municipal, estadual e federal. Em quase todos eles houve aprovação de professores de música que atuam hoje na educação básica, a maioria dos quais na disciplina de Arte. Interessante destacar que dos 11 professores na educação básica, 10 são efetivos no serviço público, cujo ingresso se deu por meio de concurso para contratação de professores de Arte.

Outro fator importante identificado na pesquisa e que merece ser destacado é em relação ao que os alunos esperam do curso de Música. Muitas vezes eles aspiram uma formação que dê conta de tudo o que eles vão encontrar na escola, desconsiderando que esta etapa é apenas inicial e que ela se completa ou continua por meio do próprio trabalho e busca constante do professor.

Apesar do distanciamento existente entre a universidade e a escola, os professores demonstraram buscar, na prática e por meio do próprio trabalho na escola, a superação das suas limitações e angústias. A relação afetiva que estabelecem com a música e com os alunos, além do próprio reconhecimento do trabalho realizado, vão servindo de motivação para que esses professores exerçam seu trabalho com dignidade e prazer.

Com respeito ao trabalho do professor de música na escola de educação básica, constatamos que os fatores que mais afetam esse trabalho, representados muitas vezes pelas dificuldades que se colocam, são: a indisciplina dos alunos, a falta de recursos materiais e infraestrutura e a prática da polivalência. Esses fatores apontados pelos professores estão estritamente relacionados à insatisfação no trabalho. Para os professores participantes, o controle da disciplina dos alunos, o fato de atuar como professor de música sem apoio material,

ou, ainda, o fato de atuarem na disciplina de Arte, sendo compelidos a trabalhar com outras linguagens artísticas, são as maiores dificuldades que enfrentam no dia-a-dia.

A polivalência no ensino de Arte tem sido uma prática constante nas escolas de Campo Grande, cujas razões foram detectadas nas falas dos professores: 1) a imposição de diretores e/ou coordenadores pedagógicos; 2) a opção do próprio professor de música, que prefere trabalhar o conteúdo já prescrito no livro didático o qual privilegia as Artes Visuais e 3) o desconhecimento da LDB e documentos que orientam o ensino de Arte nas escolas.

Concluimos que o bem-estar do professor depende muito da forma como ele percebe e lida com as situações no ambiente de trabalho, como ele mobiliza suas estratégias de enfrentamento, e que tudo isso depende de diversos fatores, não só internos como também externos. O desenvolvimento da resiliência, a capacidade de lidar com as tensões no dia a dia é um fator importante para se ter o bem-estar, pois assim o professor pode ir superando e melhorando sua prática.

Mesmo diante das dificuldades enfrentadas, os professores que participaram da pesquisa declararam estar felizes no trabalho, o que nos leva a refletir sobre quanto os fatores que podem proporcionar bem-estar, como ter autonomia, sentir-se no comando de suas ações e decisões, realizar um trabalho no qual se identifica e acredita, manter relações saudáveis no ambiente de trabalho, ter um salário fixo e com garantias de estabilidade podem proporcionar um trabalho felicitário com resultados positivos.

Consideramos, ao final desta pesquisa, a premente necessidade de que as reformas que são propostas para a educação considerem o ensino como parte de um trabalho maior e complexo, em que não sejam tomados por base apenas os aspectos didáticos, que restringem o trabalho do professor à sala de aula.

Referências

- BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 11.769**, de 18 de agosto de 2008. Brasília, 2008.
- CERESER, Cristina Mie. A opinião dos licenciandos em música sobre sua formação. **Revista Fundarte**, Ano III, v.III, n.5, jan/jun, 2003.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **A Psicologia da felicidade**. São Paulo: Saraiva, 1992.
- ESTEVE, José Manuel. **O Mal-estar Docente**. Lisboa: Escher/Fim de Século Edições, 1992
- _____. **O Mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Tradução: Durley de Carvalho Cavicchia. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005.
- JESUS, Saul Neves. **A motivação para a profissão docente. Contributo para a classificação de situações de mal-estar e para a fundamentação de estratégias de formação de professores**. Aveiro: Estante editora, 1996.
- NACARATO, Adair Mendes. Políticas públicas de formação do professor na educação básica: pesquisas, programas de formação e práticas. **36ª Reunião Nacional da ANPEd**, set/out, Goiânia/GO, 2013.
- REBOLO, F. Fontes e dinâmicas do bem-estar docente: os quatro componentes de um trabalho felicitário. In: REBOLO, F.; TEIXEIRA, L. R. M. e PERRELLI, M. A. de S. (Org.) **Docência em questão: discutindo trabalho e formação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012. p. 23-60.
- SILVA, Edith Seligmann; NEVES, Mary Yale Rodrigues. A dor e a delícia de ser (estar) professora: trabalho docente e saúde mental. **Estudos e pesquisas em psicologia**, UERJ, RJ, ano 6, n.1, 2006.
- SORATTO, Lúcia; OLIVIER-HECKLER, Cristiane. Os trabalhadores e seu trabalho. In: CODO, Wanderley (Coord.). **Educação, carinho e trabalho: Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da Educação**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.